

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



O USO DO FILME "QUE HORAS ELA VOLTA" (2015) COMO MEIO PARA PENSAR AS RELAÇÕES DE TRABALHO E O AMBIENTE DE TRABALHO DOMÉSTICO NO BRASIL

Maria Clara Rodrigues Ribeiro¹, Josefa Janicy Ferreira da Silva² Thiago de Abreu e Lima Florêncio³

Resumo:

O trabalho busca analisar o potencial do filme "Que horas ela volta" (2015) para pensar a relação de trabalho e o ambiente de trabalho doméstico no Brasil, discutindo a ficção com ajuda de alguns teóricos (como Grada Kilomba, Cida Bento e Frantz Fanon) para enquadrá-la à realidade da classe que representa a maior parte das mulheres brasileiras seja na modalidade de trabalho ou como dever feminino. Na intenção de analisar o filme, debater algumas de suas cenas e pensar a vida da personagem Val (Regina Casé) e de sua filha Jéssica (Camila Márdila) e de quem elas representam na realidade brasileira, contribuindo para o uso do filme como veículo didático na aula de história.

Palavras-chave: Filme. Relação de trabalho. Didática

1. Introdução

O filme "Que horas ela volta" de 2015 estrelado por Regina Casé, dentre outros atores, é ótimo para pensarmos a relação de trabalho estabelecida dentro da residência dos patrões (o local de trabalho), as dificuldades de uma mãe solteira para "criar" sua filha, a consciência de classe e a fundamental importância da educação na vida dos jovens e adultos das zonas periféricas. Pensando desta maneira buscamos analisar no filme cenas que ajudam a desenvolver a compreensão sobre a realidade da mulher doméstica no Brasil com os/as autores/as Cida Bento (2022), Grada Kilomba (2019), Frantz Fanon (2008), Preta Rara (2019) e Lélia Gonzalez (1980).

2. Objetivo

O trabalho tem por objetivo analisar o filme "que horas ela volta" (2015) pensando seu potencial para discutir as relações de trabalho doméstico no Brasil assim como a realidade da mulher que é doméstica no país, buscando promover o uso do filme como elemento didático de ensino.

1 Universidade Regional do Cariri, email: mariaclara.rodrigues@urca.br

2 Universidade Federal do Cariri, email: josefajanicy.ferreira@urca.br

3 Universidade Federal do Cariri, email: thiago.florencio@urca.br

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



3. Metodologia

A metodologia para desenvolvimento do trabalho consistiu na leitura de capítulos de livros e ensaios, que ajudam a pensar a realidade da pessoa negra na sociedade brasileira assim como ocidental, no caso os/as atores/as Cida Bento (2022), que discute a ideia de pacto da branquitude e meritocracia, Grada Kilomba (2019) que fala sobre como o sistema plantation moldou as relações entre negros e brancos no Brasil até os dias de hoje, Frantz Fanon (2008) que discute a experiência do negro em uma sociedade branca, Preta Rara (2019) que fala sobre a realidade da mulher doméstica no Brasil usando de sua própria experiência e Lélia Gonzalez (1980) que discute a situação da mulher negra na sociedade racista.

4. Resultados

É muito bonito ver ao longo do filme o desenvolvimento da personagem "Val", sempre submissa e serviente a seus patrões, em silêncio falando apenas para dizer "já vai", "sim sinhô", "pode deixar". Sempre ali para servir os patrões fazendo o máximo para agrada-los e assim não perder a única fonte de renda que tinha para dar uma vida melhor para a filha. Muitas vezes os patrões não a escutam, exceto quando é para serem servidos, desvalorizam ou ignorando a presença da mesma enquanto ela arruma desculpas para a má educação dos patrões, essas atitudes representam a máscara do silenciamento e as memórias da plantação (Grada Kilomba) ainda presentes em nossa sociedade.

Podemos observar como Val precisa usar uma máscara para se adaptar à casa de seus patrões. Ela precisa esconder sua verdadeira identidade e suprimir suas emoções para ser aceita naquela família. Isso reflete a ideia de Grada Kilomba de que as pessoas negras são forçadas a usar máscaras para se encaixarem em uma sociedade branca e dominante.

É muito significativo quando Val em uma situação após sua filha Jéssica entrar na piscina dos patrões (depois de ser empurrada na mesma pelo filho deles e o colega) a repreendendo mais afrente fala: "essas coisas a gente já nasce sabendo". Essa fala demonstra muito significativamente a posição de Val naquele ambiente, ela vive para o trabalho de uma forma que ela se torna o próprio trabalho, se tornando livre apenas com a vinda da filha que vê tudo de uma forma diferente e ainda não foi moldada naquele ambiente e assim consegue fazer a mãe pensar de uma forma diferente.

Val enfrenta situações de discriminação, assim como sua filha, o que reflete a experiência vivida do negro descrita por Fanon. Assim como a performance "Eco e Narciso" de Grada Kilomba, pois ambos exploram a dinâmica de poder entre colonizador e colonizado, Val é a empregada doméstica subordinada aos seus patrões brancos, o que reflete uma dinâmica de opressão e violência presente na performance de "Eco e Narciso".

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: “INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC’S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO”



A história de Val se encontra com a história de diversas mulheres brasileiras que abandonam seus lares, deixam seus filhos, sua casa e família na intenção de poder prover a eles uma vida melhor, sem tantas necessidades. A história de Jessica também se relaciona, a final de contas quantos filhos e filhas passam o dia em casa esperando seus pais, muitas vezes tendo que trabalhar e tomar responsabilidades sob a casa e os irmãos mais novos.

Outra fala de Val que chama atenção é “menino não tem de querer não”. Esse menino ao qual ela se refere, o da empregada, com toda certeza não tem de querer, seus sonhos são roubados bem cedo devido as responsabilidades e o choque de realidade.

Muitas vezes esses jovens e crianças adultas tem como principal referência para superar a situação em que estão, a educação (no caso da Jéssica) ou o trabalho (no caso da Val). Quantos de nós que estamos a margem dessa sociedade já não escutam “estudar meu filho, para ser alguém na vida” e quantos pais já não encheram os olhos de orgulho ao ver seus filhos indo para a faculdade ou se formando. Mas também quantos desses não ficaram felizes ao escutar que o/a filho/a foi contratado/a e está com a carteira assinada.

Quando Jéssica consegue tirar uma boa pontuação no vestibular, desbancando o filho dos patrões que sempre estudou em escola particular, pôde ter acesso a cursinhos e viagens, enquanto Jéssica no máximo viajou a São Paulo e teve a escola como principal curso pré-vestibular, é sinceramente motivacional, faz a Val se desprender do silêncio, dá esperança de construção de um futuro melhor, dessa vez em família, pois depois de anos a Val finalmente será mãe da Jéssica. A fala que Val usa “Eu tô dentro da piscina” local reservado aos donos da casa, no qual Val nunca entrou e sempre respeitou, é muito significativa principalmente pelo fato de que depois que sua filha entrou na piscina a patroa alegou ter visto um rato no local e esvaziou ela.

O fato da filha de Val, uma empregada doméstica, negra, nordestina ter passado em uma das faculdades mais concorridas (USP), com toda certeza corrobora com o pacto da branquitude de Cida Bento. Outra fala que chama atenção e vale destacar está nos minutos finais do filme onde Val fala para Jéssica, se referindo ao jogo de xícaras que ela deu a patroa, mas a mesma não quis, “é tudo diferente essa aqui ô, é o preto no branco o branco no preto, é diferente que nem tu”. É diferente como todos nós, que conseguimos em meio a tantos desafios chegar a uma universidade, que conseguimos conquistar uma vida melhor, a qual não nos irá impor sacrifícios e situações as quais Val passou assim como outros vários brasileiros.

Pensando nessa vivência de Val nos cabe falar especificamente do seu quartinho, para isso utilizaremos a autora Lélia Gonzalez, no seu texto “racismo e sexismo na cultura brasileira” é apresentado a ida e o convite dos negros para uma festa organizada por brancos. Foram convidados de forma educada, mas em algum momento na mesa dos brancos não tinha espaço para eles sentarem.

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



E assim acontece com Val, a qual durante o dia fica na casa de seus patrões brancos, como se fizesse parte da família, e de alguma forma da casa. A casa é como se fosse o local da festa onde recebem os negros, assim como a mesa, em que não tem espaço para os negros, apenas para os brancos. Sendo assim Val fica escondida, atrás, como os convidados da festa, em seu quartinho.

Como a passista negra brilha na avenida Val brilha nas falas "você faz parte da família" "gosto muito de você" "claro Val" "não sei o que eu faria sem você", mas seu brilho some ao descer as escadas para dormir no seu quartinho, apertado, quente, escuro, precário (janela quebrada). O quartinho é o lugar em que Val "desperta" para sua realidade. Ela sempre soube que não fazia parte daquele espaço (a mesa e o jantar chique, a sala e o quarto de hóspedes). Então todos os dias Val pode se deparar com o melhor que há, mas não pode pegar, usufruir apenas desejar (e talvez nem isso, já que é inveja).

Dia a dia ela tem o brilho dado e escondido pelos seus patrões, quando convém ela é vista quando não, escondida. O caso de Val se relaciona de muitas formas ao texto de Lélia, assim como a realidade brasileira, e acreditamos que uma das principais formas é por meio do quartinho, nele estão acumulados/mixados o suor do trabalho, as lágrimas, os sonhos e a esperança de dias melhores, os quais não vão chegar. Nessa perspectiva Val perde a cada momento de choque entre o máximo e o mínimo de atenção de seus patrões a força e seus sonhos de uma vida melhor (uma casa própria, um novo emprego, voltar para a filha) ela cria dependência de seus patrões (por Fabinho e pelo dinheiro) e pelo fato de ter suas oportunidades "roubadas". Ela busca garantir por meio de seu serviço a única esperança de felicidade, sua filha e seu "filho" (Fabinho).

A história de Val se relaciona com a de várias mulheres brasileiras. Como sua história é uma ficção nem tudo é realidade ou tão real. Isto podemos saber ao ter contato com a palestra e o livro de Preta Rara, ela por meio de seu livro "Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada", onde a autora, historiadora e ex-empregada doméstica afirma que "a senzala moderna é o quartinho da empregada" deixando a entender que nada mudou na relação empregada-patroa escrava-senhora entre o passado e o presente. Por meio do seu livro que relata as fortes experiências de sua mãe, avó e outras mulheres negras que trabalharam como domésticas, podemos ver a extrema importância da PEC das domésticas de 2012 que regulamenta o trabalho doméstico no Brasil (salário mínimo, horas extras, horário de trabalho, etc.).

O livro revela que o passado ainda se faz presente e que é necessário dar voz e diretos as empregadas domésticas brasileiras na intenção de promover, não apenas a diminuição da desigualdade, mas principalmente da desumanidade.

5. Conclusão

VIII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXVI Semana de Iniciação Científica da URCA

04 a 09 de dezembro de 2023

Tema: "INTERIORIZAÇÃO DA CIÊNCIA E REDUÇÃO DE ASSIMETRIAS: O PAPEL DOS PIBIC'S COMO EXPERIÊNCIA DE ARTICULAÇÃO DA PESQUISA NA GRADUAÇÃO E NA PÓS GRADUAÇÃO"



Diante do que se mostra exposto pode-se notar a grande capacidade de aprofundamento do filme "que horas ela volta" (2015) em relação ao trabalho didático com as relações de trabalho doméstico no Brasil, com importância da educação para os jovens de classes baixas, com a situação da mulher negra no Brasil e no quanto nosso país ainda precisa evoluir no combate ao racismo e as relações de servilismo. Por fim concluímos que o filme se mostra bem capaz para desenvolver essas questões.

6. Referências

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo. Companhia das Letras, 2022. P.

FANON, F. **Pele negra, máscara branca**. São Paulo, Ubu Editora, 2020.

Filme **QUE HORAS ELA VOLTA?**. Anna Muylaert. Brasil. Globo filmes, 2015.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

KILOMBA, Grada. **Capítulo 1: A máscara**. In: Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

RARA, Preta. **Eu, empregada doméstica a senzala moderna é o quartinho da empregada**. Ietramento. 2020.